

“Independente, literário e noticioso”: as outras letras de Graciliano Ramos

Francieli Borges¹

RESUMO: O autor Graciliano Ramos, consagrado pelo seu percurso literário e intensa atividade de escrita, costuma ser menos abordado pelo viés jornalístico em que sempre atuou. O cerne dos horizontes aqui explorados procuram evidenciar a sua contribuição em dois folhetins, *Paraíba do Sul* e *O Índio*, no período de 1915 a 1921, que foram compilados no póstumo *Linhas Tortas*. Com rigor estético costumeiro, embora assinasse com pseudônimos, o romancista se coloca e atesta a força do trabalho com a palavra, emergindo diversas experiências entre os limites e as possibilidades do pensar autônomo.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Jornalismo; *Linhas Tortas*.

ABSTRACT: Graciliano Ramos, known for his literary career and his intense writing activity, is less studied when it comes to the journalist activities he undertook throughout his life. The main subject of the investigation presented here are his contributions between 1915 and 1921 to two papers, *Paraíba do Sul* and *O Índio*, collected posthumously in *Linhas Tortas*. Even though he signs with a pen name, Ramos reveals his usual aesthetic rigour, placing himself in the works and affirming the power of his craft, thereby emerging numerous experiences of the limits and possibilities of autonomous thinking.

Keywords: Graciliano Ramos; Journalism; *Linhas Tortas*.

*Apresento uma sugestão aos homens inteligentes:
deixem de escrever e entreguem a pena aos imbecis.*
Graciliano Ramos, “Chavões”.

1. Desde sempre, a palavra como ofício

Graciliano Ramos colaborou em periódicos e revistas ao longo de mais de três décadas. Suas contribuições foram intensas e começaram anos antes da publicação do primeiro romance, *Caetés*, em 1933. Pode-se dizer que a sua atividade começou em 1904, no

¹ Licenciada em Letras e Mestra pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

jornal do internato onde estudava, quando divulgou o conto “Pequeno pedinte”. Ainda no colégio, redigiu periódicos e já assinava sob diversos pseudônimos. De maneira mais profissional, no entanto, seus trabalhos para a imprensa iniciaram em 1910, período em que também abandonava o prenome para subscrever suas produções – o procedimento conveniente de encobrir a autoria, no qual Graciliano já estava experimentado, permitia que o artista se valesse da acidez bem própria no juízo das situações. Somente a partir de junho de 1931, período em que começa a publicar excertos do capítulo XXIV, de *Caetés*, na revista *Novidade*, é que passa a registrar os escritos com o nome Graciliano Ramos.

Mesmo depois da consagração enquanto romancista e já na atividade de tradutor, Graciliano trabalhou ativamente na imprensa. Como sabemos, o escritor foi preso sem acusação formal, em 1936, em Maceió – levado para o Rio de Janeiro, optou por morar na capital carioca após liberto, em 1937, quando passa a escrever no estado para os jornais *O cruzeiro*, *Vamos ler!*, *Diário de Notícias*,² *Diário Carioca*, *A tarde*, *Dom Casmurro*, *Diretrizes*, apenas para citar alguns; além de enviar textos para a agência Imprensa Brasileira Reunida Limitada, que distribuía matérias, também de escritores como Gilberto Freyre e José Lins do Rego, para aproximadamente duas centenas de jornais no Brasil.

A diversidade dos assuntos caros a Graciliano nas suas publicações periódicas fica estampada ao mencionar as diferenças entre os aspectos da vida sertaneja e do cotidiano no Rio de Janeiro em meados do século XX; os costumes dos habitantes das cidades nas quais fez morada, não raro retratando-os como costumava fazer com suas personagens: em linguagem precisa, sem rodeios; ao exaltar os temas dos debates literários, principalmente os abordados pelos romancistas do Nordeste; ao atentar às problemáticas sociais e, ao mesmo tempo, à inquirição psicológica presente nas literaturas do país; ao frisar seu entendimento acerca do melhor posicionamento do intelectual frente aos fatores políticos de sua época.

Observamos, durante a articulação dos textos, ao restringir a abordagem a uma linha cronológica que vai de 1915 até 1921, que o escritor procurou atentar a uma identidade e estilo bem definidos, ainda que se valesse de três pseudônimos diferentes – em tais produções, ele privilegiou um discurso direto e mesmo participativo, com amplo tom opinativo.

² Tido como um dos mais importantes do país nas décadas de 30 e 40 do século passado, estampou 35 textos ali, entre “crônicas, artigos e contos, que depois viriam a fazer parte de suas obras ficcionais ou memorialísticas” (SALLA *in* RAMOS, 2012, p. 22).

Almejamos, portanto, compreender e explorar o legado das reflexões de Graciliano Ramos no interior dos desafios impostos por uma visão comprometida com os intercâmbios, modalizações e simultaneidades da sua atividade jornalística. A hipótese inicial sugere que é representativo da força do seu texto o trabalho analítico do qual Graciliano se ocupou: despedido de rebuscamentos ou metáforas bacharelescas, mas antes envolto por uma série de situações facilmente associadas a informações correntes e exemplos cotidianos, com a abundância da primeira pessoa do plural, o que liga enunciatório e enunciador – e que favorece enormemente a persuasão anunciada plasmadas por um amplo repensar acerca da atividade de escritura.

2. A lucidez, a sensibilidade e o estilo nos jornais *Paraíba do Sul* e *O Índio*

Conforme assinala Antonio Candido (1992, p. 13), “para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada”. Certos disso, achamos conveniente mencionar que as obras ficcionais de Graciliano Ramos alcançaram estatura grandiosa ainda em vida do escritor e inúmeros foram os prêmios com os quais ele já foi agraciado – e o trabalho que fez em jornais corrobora seu êxito comunicativo. Nesse sentido, tais textos abarcam diversas inflexões da intensa atividade intelectual do autor.

O modo de ver com maior consciência a respeito das contradições da sociedade parece sempre ter acompanhado Graciliano, mas no período em que produziu sob pseudônimos, principalmente, é aguda a sua posição enquanto opositor da ordem estabelecida, o que facilitou a compreender a força da adoção crítica sobre a responsabilidade de escrever em face da mentalidade conservadora e dos regimes autoritários que ganhavam fôlego à época. Esse contexto sugere ser um dos pilares pelos quais vimos crescer a ironia do escritor. Assim, o “mito” Graciliano Ramos – chamado de tal forma graças à crítica mordaz e ao aspecto sisudo das suas obras –, talvez tenha menos sido “descoberto” por Augusto Frederico Schmidt graças às cartas muito bem escritas que enviava nas ocasiões de prestação de contas no período em que foi prefeito de Palmeira dos Índios, do que forjado principalmente através da contribuição em jornais, atividade que parece ter contribuído enormemente com o seu estilo narrativo romanesco.

Em 1915, após mudar-se de Palmeira dos Índios, o escritor passou a trabalhar como revisor no *Correio da Manhã*, e a colaborar no jornal *Paraíba do Sul*, em cidade homônima, no Rio de Janeiro – cujos textos compõem a obra póstuma *Linhas Tortas*. Nessas crônicas, vemos a figuração da própria experiência de narrador que observava a cultura local com tom de sarcasmo – que funcionou como um tipo de carimbo das publicações, porque Graciliano, conforme atestou o neto Ricardo Filho, era daquelas pessoas que assinava um texto sem assinar.³ Obras-primas do gênero, em várias oportunidades, nesses textos, o autor apela para o argumento de diálogo descompromissado com o leitor, algumas vezes apelando aos argumentos morais – atitude bem avessa aos hábitos literários de Graciliano – para sensibilizar os interlocutores e, em seguida, nessa suposta relação, abrir as possibilidades para as mais diversas alfinetadas:

Não te admires, leitor amigo – comerciante abastado, poeta maltrapilho ou rapariga adoravelmente devota. Há por vezes ocasiões em que um mísero rabiscador tem necessidade de fazer grandes volteios, circunlocações sem fim, somente para furtarse àquilo que algum simplório poderia julgar talvez ser o fito único de um indivíduo que escreve – dizer o que pensa. Eu me encontro em uma dessas situações embaraçosas. Mas tu te preocupas pouco com os meus embaraços e com o que me vai pela cabeça, não é verdade? O essencial é que se escreva. Não quiseram que esta coluna ficasse em branco, malgrado todas as razões que foram apresentadas ao secretado da folha. Era preciso que se escrevesse, qualquer coisa a esmo, embora. Não é que deixe de haver por aí uma agradabilíssima récuca de magníficos assuntos a explorar. Mas que te importam a ti os assuntos que me são agradáveis? Eu é que tenho necessidade de estudando teus gostos e fazendo completa abstração da minha individualidade, oferecer-te qualquer droga que não te repugne ao paladar (RAMOS, 2002, pp. 16-17).

Nessa passagem, que data de 15 de abril do referido ano, o escritor, que assina como A.O., inicia a coluna em formato de uma palestra de apresentação aparentemente despropositada, ao mesmo tempo em que frisa a impossibilidade, em certo sentido, de haver imparcialidade, como querem fazer crer até hoje a maioria das redações. Atenta, ainda, enquanto faz um balanço zombeteiro da população local, para o estrangulamento das possibilidades do sujeito jornalista, que inúmeras vezes, na posse de grandes ideias ou visões

³ Em um texto de Ricardo Ramos Filho, publicado na Folha de São Paulo, em 21 de outubro de 2012, que tem o título de “Meu avô desconhecido”, o neto de Graciliano menciona que o jeito característico de arranjar palavras “tão pessoal na maneira de dizê-las, permitia-me encontrá-lo com facilidade em qualquer página avulsa escrita por ele, mesmo sem identificação”.

específicas que poderiam ser postas em evidência, se vê encurralado pelos formatos que não questionem o já dito, reafirmado e conhecido, ou seja, os verbos a esmo. É como se os suportes de informação e opinião só conseguissem público cativo caso fossem algo narcisos, espelho de supostas qualidades já consolidadas e quistas. Muito contrário a tal percepção, Graciliano reforça a impossibilidade de pertencer a tais tipos, embora não se coloque em lugar superior a eles. Para isso, utiliza a conhecida estratégia retórica *inania verba*, ou “palavras fúteis”, recorrente na conceituação de crônicas. No prefácio de *Garranchos*, Thiago Mio Salla, alerta que “em linhas gerais, tal artifício prevê o rebaixamento de textos jornalísticos (referidos como frivolidades sem maiores compromissos) e do próprio mister de cronista, como meio de torná-los, em sentido contrário, ainda mais persuasivos” (2012, p. 12), conforme vimos pela expressão “mísero rabiscador” – também era do feitio de Ramos utilizar semelhante economia de louros para suas seções, conforme aparecerá a seguir.

A atenção recorria a todo o ciclo, por assim dizer, de um jornal feito à época: do trabalhador que se ocupava na articulação de ideias escritas até o jornaleiro que vendia os impressos. Em uma observação que frisa as proximidades de ambas as tarefas, Graciliano escreve, em 20 de maio de 1915, sob a assinatura R.O., no jornal *Paraíba do Sul*, e assume que se os periodistas organizam as palavras que lhes vêm em mente da forma como julgam ser a mais sedutoras notícias, algumas vezes até mesmo fantásticas e, assim, “sob certos pontos de vista, o pequeno garoto vendedor de jornais é uma espécie de jornalista em miniatura” (RAMOS, 2002, p. 30), já que este também procura, para vender, divulgar apregoando as grandezas imperdíveis ali relatadas.

Ainda sobre as contradições do ofício, em artigo de 3 de junho de 1915, o escritor menciona que algumas vezes, pela necessidade de trabalhar, era preciso sujeitar-se a duas folhas que pensavam (ou que diziam pensar) de maneira inteiramente diversa. Enquanto “uma elogiava tudo incondicionalmente”, a outra fazia “oposição sistemática a todas as coisas”. Para sustentar-se, era necessária a diplomacia tanto de um lado quanto do outro e assim ia equilibrando-se “mais ou menos como os papagaios – se me soltava dos pés, agarrava-me com o bico. Afinal estava trepado, o que já valia alguma coisa” (RAMOS, 2002, p. 34). Embora já fosse costume que jornalistas transitassem entre diversas empresas, tal percurso aconteceria preferivelmente entre veículos de ideologias semelhantes. Desde que não ferisse

uma dimensão ética, a necessidade de subsistência possibilitaria a inserção em espaços que não necessariamente dialogassem. De todo modo, Graciliano era um tipo de produtor social que não se curvava frente à opinião pública ou aos patrões, mas antes se utilizava dessas figuras para as suas análises. Convém dizer que embora a fortuna crítica de Graciliano aborde exaustivamente o seu interesse em narrar as cenas do agreste, da seca, das províncias, a partir das suas contribuições para periódicos, já no começo da carreira de escritura, o artista evidencia a sua atenção minuciosa aos movimentos citadinos, às novidades dos municípios, às tecnologias:

Haverá um homem que rabisque para os jornais e que não tenha tido desejo de dizer alguma coisa sobre esses estabelecimentos que têm sempre às portas enormes cartazes onde avultam espantosas letras encarnadas e negras, essas casas que de meio-dia a meia-noite, nos atordoam os ouvidos com estridentes sons de campainhas e surdos zunzuns de ventiladores? (...) O cinema! Ah! O cinema é uma grande coisa! (RAMOS, 2002, pp. 24-25)

Nesse trabalho assinado por R.O., de 13 de maio de 1915, portanto apenas alguns anos após a chegada das salas de projeção de filmes no Brasil, Graciliano manifesta a aproximação e o interesse em relação ao que é novo no país e tipicamente urbano – observamos o predomínio, em certo sentido, desses temas em seus textos para o *Paraíba do Sul*, sempre em tratamento algo mais específico e pessoal. O pesquisador Thiago Mio Salla, no texto “O cinema em quatro momentos da produção cronística de Graciliano Ramos”, atenta que no excerto supracitado, o escritor logo de saída nota “certa perspectiva desmistificadora, que procura apresentar a casa exibidora não como um espaço de sonho e fantasia, mas com como um lugar barulhento que funcionava exaustivamente ao longo do dia” (2011, p. 2). O cinema enquanto tema de escrita volta a aparecer em *O Índio*, em crônica assinada por “X”, em 17 de abril de 1921. Ao correr da fita, citando atrizes e atores americanos e italianos do cinema mudo, o autor reclama das “estopadas”, ou seja, das interrupções das casas de cinema ainda mal equipadas e também dos maus hábitos dos telespectadores. Imaginamos que bem ao modo do literato que estudamos, em uma época em que todos estavam maravilhados diante da espetacularização de um evento como aquele, Graciliano se debruçava às apreciações mais críticas de tais exibições.

Conforme é conhecido, a primeira estadia de Graciliano na capital carioca é finda de forma abrupta: três dos seus irmãos e um sobrinho haviam morrido em decorrência da peste bubônica que assolava Palmeira dos Índios (MORAES, 1992, p. 36) e, por esse motivo, o escritor precisou retornar ao município. Seis anos depois de sair do Rio de Janeiro, tendo estabelecido a atividade de comerciante, o escritor iniciou seu compromisso jornalístico na folha local, o provinciano *O Índio*, dirigido pelo pároco da cidade e cuja redação ficava na sacristia da igreja palmeirense. Em 14 edições iniciais, de janeiro a maio de 1921, publicou intensamente. O referido jornal, “independente, literário e noticioso” – que, aliás, deu título a esse trabalho –, “era uma publicação em tamanho tabloide, de quatro páginas divididas em quatro colunas” (SALLA *in* RAMOS, 2012, p. 21), e que circulou até janeiro de 1925. O autor era responsável pelas seções “Factos e fitas”, reunida em seis composições de epigramas satíricos, assinados com o pseudônimo de “Anastácio Anacleto”; “Garranchos” e “Traços a esmo”, que veiculavam sua produção cronística em um conjunto de quatorze textos, postos em nome dos pseudônimos “X” e “J. Calisto”, respectivamente.

Bem ao modo “furo”, na décima quinta edição do jornal, de 8 de maio de 1921, a seção “Traços a esmo” recebe apenas o aviso que o autor de tal coluna havia se retirado da folha. Os editores do periódico, no entanto, homenagearam o pai de Graciliano, Sebastião Ramos, na ocasião do seu aniversário, mencionando que este era familiar do ex-companheiro de redação. Em uma carta ali publicada posteriormente, quem assina é G. Ramos, dizendo “como poderia eu, pois, ter trabalhado nesse jornal?”, pois pouco percebia “dessas coisas de papel impresso”, sendo apenas “um seu leitor sofrível” (RAMOS, 2012, pp. 94-95). Era preciso, pois, voltar a amaciar a imaginação crédula dos assinantes, sob o risco de precisar escrever, a partir dessa revelação, sob os limites de determinados enquadramentos editoriais, de um tipo de censura, portanto. Vimos que o escritor não parecia disposto a subordinar a temática e a estética aos ideais dos moradores do lugarejo – pois na linguagem ácida, ali residia a força do seu exame de observação.

3. Finalmente, quem será o leitor, quem será Graciliano Ramos?

No tocante à linguagem utilizada por Graciliano, muito são os estudos já feitos. Seus escritos são reconhecidamente coesos, o que parece o mais adequado à personalidade e ao meio das personagens das suas narrativas. Essas questões, porém, não se restringem às suas obras literárias, mas também são características dos seus textos críticos e de sua compreensão, como um todo, do trato estilístico mais adequado. Em suas narrativas curtas veiculadas em jornais, por sua vez, há a problematização de assuntos que pareçam fúteis ou que o palavreado usado, querendo soar pomposo, seja cansativo e ineficaz:

É precisamente pela sensação de preguiça que experimentamos lendo frases bombásticas que simpatizo com certos autores. Sem eles, jornais e livros se tornariam depressa intoleráveis. Imaginem a maçada de estar um cristão a catar pensamentos em todas as linhas que encontra. É trabalho penoso, porque há sujeitos que pensam bem, mas não se exprimem com clareza, outros que se agarram a assuntos terríveis e nos obrigam a olhar para cima e a procurar uma brecha que não aparece (...). Por isso lemos com imenso prazer os escritores que não dizem nada. Excelentes criaturas (RAMOS, 2012, p. 120).

Temática e estilo, conforme o sobredito, são entendidos como potentes quando são pensados juntos. A adaptação infrutífera da linguagem, incerta e minguada, por sua vez, também poderia limitar as possibilidades de interpretação. Do ponto de vista formal, Graciliano preocupa-se, em um crescendo, com o planejamento das expressões, organizando um narrador que se diz pouco preocupado em ser agradável, mas antes, em ser útil, para que “os calos” da consciência não “continuem duros” – articulador que confronte, assim, as noções estabelecidas do leitor, espécie de alvo e personagem:

O leitor, esse, encontrará provavelmente qualquer coisa aplicável à sua estimável pessoa. Em qual das classes estará ele incluso? Será um mentiroso impulsivo, um doente incurável? Será um loroteiro vulgar, arrotador de bazófilas? Será um frio calculador de carapetões graves, sérios, medidos a compassos, polidos, limados, lustrados, sem uma falha, sem uma rachadura que os denuncie? Será um embusteiro, um intrujão sem escrúpulos? Será um frívolo papagaio loquaz, um inócuo soprador de bolhas de sabão? Que será o leitor? (RAMOS, 2002, p. 55)

Conforme a matéria provocativa, assinada por J. Calisto, n^o *O Índio*, em fevereiro de 1921, é preciso articular as palavras de acordo com o público da sua recepção – em formato que mais coloca defeitos do que propriamente mostra interesse, a estratégia funciona com a finalidade de, justamente, não dizer o que pareça ordeiro e apropriado ao julgo dessa gente. O ardil está em evidenciar que os esforços para esmerar o público-alvo em elogios bem derramados não são uma preocupação fidedigna e a força que parece inabalável do cronista torna-se sua atração. Se focalizarmos os limites e as necessidades do verbo, a energia, esta, residia sim nas mediações contempladas por Graciliano e seu olhar ferino diante dos discursos de poder, de falseamentos e sensacionalismos. Pensar o lado da pena do escritor que era voltada ao jornal é também divisar os impasses da atividade de analisar e comentar um mundo fecundo de caminhos possíveis de interpretação. Graciliano é alargamento, é identificação, é espanto. Talvez esse fosse precisamente o seu intento.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FILHO, Ricardo Ramos. “Meu avô desconhecido” in *Folha de São Paulo*. São Paulo, 2011.
- MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- RAMOS Graciliano. *Linhas Tortas*. São Paulo: Record, 2002. _____. *Garranchos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SALLA, Thiago Mio. “Garranchos e outros Ramos” in RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- _____. “O cinema em quatro momentos da produção cronística de Graciliano Ramos”. *Revista Rumores*, São Paulo/USP, volume 1, número 9, 10 páginas, janeiro-junho de 2011.